

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

**O TRAÇO DE TELICIDADE E SUAS REALIZAÇÕES NO  
PORTUGUÊS DO BRASIL E NO ESPANHOL DO CHILE**

Débora Cristina Paz Paz Lourençoni

Rio de Janeiro

2014

DÉBORA CRISTINA PAZ PAZ LOURENÇONI

O TRAÇO DE TELICIDADE E SUAS REALIZAÇÕES NO PORTUGUÊS DO BRASIL E  
NO ESPANHOL DO CHILE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português/  
Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Leitão Martins

RIO DE JANEIRO

2014

Lourençoni, Débora Cristina Paz Paz.

O traço de telicidade e suas realizações no português do Brasil e no espanhol do Chile / Débora Lourençoni. – 2014.

52 f.

Orientadora: Adriana Martins

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 51-52

1. Aspecto. 2. Telicidade. 3. Realização I. Lourençoni/ Débora. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2014. III. Título.

DÉBORA CRISTINA PAZ PAZ LOURENÇONI

DRE: 110095333

O TRAÇO DE TELICIDADE E SUAS REALIZAÇÕES NO PORTUGUÊS DO BRASIL E  
NO ESPANHOL DO CHILE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português/  
Espanhol.

Data de avaliação: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Adriana Leitão Martins (UFRJ)

NOTA: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Celso Vieira Novaes (UFRJ)

NOTA: \_\_\_\_\_

MÉDIA: \_\_\_\_\_

*Dedico este trabalho à Vânia (in memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, principalmente aos meus pais e ao meu irmão, pelo suporte em todos os momentos da minha vida. À minha mãe, Rosa, pelo apoio incondicional, pelos puxões de orelha, por nunca ter me deixado faltar nada, por aprovar e acompanhar tão de perto tudo o que eu decido fazer, mesmo que as minhas decisões pareçam insensatas, e por acreditar mais em mim do que eu mesma. Ao meu pai, Washington, pela paciência, pelos mimos, por abrir mão do que for para me ver feliz, por tanto confiar em mim, por estar sempre presente e pelo exemplo que ele é. Ao meu irmão, Rodrigo, por ser o meu maior parceiro, por me defender e apoiar sempre, pelo laço que temos e por nutrir uma relação tão sólida comigo.

À minha madrinha, Vânia, a quem dedico esta monografia, que não está mais aqui comigo em vida, mas que certamente está e estará sempre me acompanhando. Por sempre ter vibrado de maneira tão intensa as minhas conquistas e por ter cuidado – e com certeza ainda cuidar – de mim com um afeto tão grande. Aos meus avós, Delmira, Domingo, Isaura e Lino (*in memoriam*), pelos momentos alegres compartilhados, por serem fontes de admiração e torcerem sempre por mim. À tia Ana, pelo carinho e acolhimento de sempre e pelos pappicos. Às minhas primas, Natalia e Adriana, pelas histórias que temos para contar, pelas risadas e pelo eterno companheirismo.

Aos meus amigos, por fazerem a minha vida ser mais alegre. À Thereza, por ser a minha fiel escudeira, por estar presente em todos os momentos importantes, por dividir comigo as felicidades e as lamúrias da vida há mais de 20 anos. À Vivi, pela doçura que traz para os meus dias e por ter o melhor abraço do mundo. À Gisa, por já exercer função de psicóloga, me escutando e me entendendo tão bem. À Juliana, por ser o meu maior tesouro da época de Ensino Médio. Ao Diego, por me ajudar sempre a crescer, por ser o ombro amigo nas horas difíceis, pelas conversas nas horas certas e por me acompanhar aonde eu for. À Mariana, por ter despertado em mim a paixão pela leitura. À Taty, pela infância compartilhada e por me mostrar que grandes amigas serão sempre grandes amigas. À Nicole, por ser a minha pequena princesa, por tornar a minha vida mais divertida, por permitir que eu ensine, mas que também aprenda com ela.

Aos amigos da graduação que estiveram comigo durante todos esses anos. Agradeço principalmente à Mayara, Rayza, Renata, Thamara e Yalis. Sem vocês ao meu lado, meninas, esse quatro anos e meio com certeza teriam sido muito difíceis. Obrigada pelos trabalhos em

grupo, pelos estudos coletivos, pela parceria, pelas festas, pelas risadas, pelos choros, pelos desabafos, pelas piadas internas, enfim, obrigada por terem tornado o período da graduação mais leve, divertido e prazeroso. Gostaria de destacar meus agradecimentos à Mayara, pelas palavras que sempre me apoiam e trazem conforto, e à Yalis, pela conversa tão revigorante exatamente no momento em que eu precisava.

A todos do grupo de pesquisa Biologia da Linguagem, pelos encontros semanais tão proveitosos e por permitirem que aprendizado e diversão aconteçam concomitantemente. Agradeço, em especial, à Patricia, minha companheira por toda a iniciação científica, por arrancar tantas risadas minhas e por tornar os afazeres acadêmicos sempre agradáveis e divertidos. À Bruna, por ser tão querida, responsável e por ser um eterno membro do grupo. À Thais Lopes, por ser exemplo de dedicação e por ter chegado para somar tanto. À Juju, por ser tão prestativa, generosa e por contribuir sempre de maneira tão eficiente. À Fernandinha, por ser tão leve, prática, competente e pela colaboração tão produtiva e importante.

Ao professor Celso Novaes, por ter me acolhido como orientanda, por me ensinar algo novo a cada conversa e por unir sabedoria e sensibilidade com tanta maestria.

À minha orientadora, Adriana Leitão, a quem devo tantos agradecimentos. Muito obrigada pela orientação cuidadosa, precisa e, ao mesmo tempo, carinhosa. Por ser exemplo dentro e fora da vida acadêmica, por dividir comigo tantos ensinamentos, me ajudando a crescer a todo momento, e por me instruir a sempre fazer aquilo que me faz feliz.

Agradeço também a todos os professores que passaram pela minha vida e, ao compartilhar conhecimento, deixaram comigo um pouquinho deles, ainda que de maneira inconsciente. Se cheguei até aqui, alguns dos professores que tive são também responsáveis por isso.

Por fim, quero deixar o meu obrigada, mais uma vez, à minha mãe, por ter se disponibilizado, com a maior boa vontade do mundo, a ser a personagem do teste e aceitar ser fotografada tantas vezes. E também aos meus informantes, os quais me doaram um pouco do seu tempo para que eu pudesse desenvolver este trabalho.

Muito obrigada a todos aqui citados! Sem vocês, de alguma forma, não teria sido possível realizar esta monografia.

*"Olhe cada caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes quantas julgar necessárias... Então, faça a si mesmo e apenas a si mesmo uma pergunta: possui esse caminho um coração? Em caso afirmativo, o caminho é bom. Caso contrário, esse caminho não possui importância alguma."*

*(Carlos Castañeda, Os ensinamentos de Dom Juan)*



## RESUMO

LOURENÇONI, D. C. P. P. **O traço de telicidade e suas realizações no português do Brasil e no espanhol do Chile.** 2014. 52 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/ Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Este trabalho tem por objetivo investigar as realizações do traço [+ télico] no português do Brasil e no espanhol do Chile. Consideramos que a telicidade está relacionada ao traço aspectual de uma situação que possui um ponto final inerente e definido. Para tanto, aplicamos a três falantes nativos do português do Brasil e a três falantes nativos do espanhol do Chile um teste de produção semiespontânea em que os indivíduos descreviam doze conjuntos de fotos. Cada conjunto possuía três fotos e representava ações cotidianas. Para investigar as diferentes realizações do traço [+ télico] nas línguas em questão, analisamos todas as orações télicas produzidas pelos informantes. No que diz respeito ao português do Brasil, verificamos que o traço [+ télico] pode ser realizado por um complemento de cardinalidade especificada, por um adjunto adverbial preposicionado ou pela junção desses dois constituintes. No que diz respeito ao espanhol do Chile, verificamos que o traço [+ télico] pode ser realizado das mesmas maneiras que no português do Brasil, além de poder ser realizado pelo operador aspectual "se" combinado a um complemento de cardinalidade especificada. Nas duas línguas investigadas, constatamos o uso majoritário de um complemento de cardinalidade especificada para a expressão do traço [+ télico], com a ressalva de que no português do Brasil esse uso ocorreu em maior número.

Palavras-chave: Aspecto. Telicidade. Realização.

## ABSTRACT

LOURENÇONI, D. C. P. P. **The telicity feature and its realizations in Brazilian Portuguese and in Chilean Spanish.** 2014. 52 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/ Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This paper aims to investigate the realizations of the feature [+ telic] in Brazilian Portuguese and in Chilean Spanish. We considered that telicity is related to an aspectual feature of a situation which has an inherent and defined endpoint. In order to do so, we applied to three native speakers of Brazilian Portuguese and to three native speakers of Chilean Spanish a semi spontaneous production test in which the individuals described twelve sets of photos. Each set had three photos and represented everyday actions. To investigate the different realizations of the feature [+ telic] in the concerned languages, we analyzed all telic clauses produced by the informants. Regarding the Brazilian Portuguese, we verified that the feature [+ telic] can be expressed by a complement of specified cardinality, by a prepositional adverbial adjunct or by these two constituents together. Regarding the Chilean Spanish, we verified that the feature [+ telic] can be expressed in the same ways as in Brazilian Portuguese, and also can be expressed by the aspectual operator "se" combined with a complement of specified cardinality. In both languages, we observed the majority use of a complement of specified cardinality to express the feature [+ telic], subject that such use occurred more frequently in Brazilian Portuguese.

Keywords: Aspect. Telicity. Realization.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>Introdução</b> .....  | 12 |
| <b>1 A categoria linguística de aspecto</b> .....                              | 14 |
| <b>2 O traço de telicidade</b> .....   | 18 |
| 2.1 Interação entre os traços de telicidade, pontualidade e estaticidade ..... | 23 |
| 2.2 Testes de identificação do traço de telicidade .....                       | 25 |
| <b>3 Realizações do traço de telicidade</b> .....                              | 29 |
| <b>4 Metodologia</b> .....   | 37 |
| 4.1 Os informantes .....   | 37 |
| 4.2 O teste .....  | 38 |
| 4.3 O procedimento de aplicação .....  | 38 |
| 4.4 Os critérios de análise .....  | 39 |
| <b>5 Resultados e discussão</b> .....  | 43 |
| <b>6 Considerações finais</b> .....  | 49 |
| <b>Referências</b> .....   | 51 |

## Introdução

Na perspectiva gerativista, a faculdade da linguagem é um módulo mental inato da espécie humana responsável especificamente pela linguagem. Nesta monografia, assumimos que traços linguísticos presentes na faculdade da linguagem são universais. No entanto, esses traços podem ser realizados de maneiras variadas nas línguas naturais. Dentro de tal perspectiva, um estudo comparativo entre línguas tem por principal objetivo, mais do que buscar as diferenças de realização de determinado traço linguístico nas línguas, compreender sobre a universalidade desse traço.

De maneira geral, este trabalho investiga traços linguísticos aspectuais. Tais traços podem estar realizados gramaticalmente no verbo ou podem ser intrínsecos aos itens lexicais. A respeito dos traços aspectuais intrínsecos aos itens lexicais, Comrie (1976) estabeleceu três oposições de traços que possuem propriedades aspectuais diferentes: pontualidade *versus* duratividade, estaticidade *versus* dinamicidade e telicidade *versus* atelicidade.

De maneira específica, este trabalho investiga o traço linguístico aspectual de telicidade. A telicidade refere-se à finitude definida na descrição de uma determinada situação. A diferença entre telicidade e atelicidade se baseia, portanto, na concepção de que uma situação télica possui um ponto final inerente, que consiste em um objetivo e/ou um resultado, ao passo que uma situação atélica não possui um ponto final inerente.

O traço de telicidade pode ser realizado de diferentes maneiras nas línguas naturais, como por exemplo, por meio de um complemento verbal de característica específica, de um adjunto adverbial preposicionado presente na oração, de um morfema verbal específico – como em búlgaro –, ou de partículas delimitadores opcionais – como em inglês ("*up*") e em espanhol ("*se*").

Esta monografia tem por objetivo investigar as realizações do traço [+ télico] no português do Brasil e no espanhol do Chile. Para alcançar tal objetivo, utilizamos um teste de produção semiespontânea, a fim de analisar a produção linguística de falantes nativos das duas línguas no que diz respeito à expressão do traço [+ télico].

Com essa análise, buscamos contribuir também para o ensino de espanhol como língua estrangeira, uma vez que a noção de marcação de ponto final delimitado parece facilitar a instrução formal sobre um dos usos do pronome "*se*" em espanhol, como apontado por Preuss & Finger (2009).

Esta monografia está dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo, falaremos sobre a categoria linguística de aspecto à luz do estudo de Comrie (1976); no segundo

capítulo, abordaremos o traço de telicidade e os conceitos associados a esse traço; no terceiro capítulo, exemplificaremos como o traço de telicidade pode ser realizado em algumas línguas naturais; no quarto capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada neste trabalho; no quinto capítulo, analisaremos os dados linguísticos do português do Brasil e do espanhol do Chile obtidos por meio do teste utilizado; e, no último capítulo, faremos algumas considerações finais sobre as realizações do traço de telicidade nas duas línguas investigadas e sobre possíveis implicações deste estudo ao ensino de espanhol como língua estrangeira.

## 1 A categoria linguística de aspecto

Estudos que dizem respeito à categoria linguística de aspecto são muito recorrentes na literatura. Especificamente, neste capítulo, abordaremos tal categoria à luz do estudo desenvolvido por Comrie (1976).

Se considerarmos as sentenças expostas em (1) e (2), podemos afirmar que as duas são iguais no que tange à informação de tempo, uma vez que ambas as sentenças carregam informação de tempo passado. No entanto, essas sentenças diferem-se no que tange à informação de aspecto.

(1) *He read.*

'Ele leu.'

(2) *He was reading.*

'Ele estava lendo.'<sup>1</sup>

A categoria linguística de tempo é definida como uma categoria linguística que situa no tempo físico os acontecimentos do mundo (COMRIE, 1985). Por fazer referência de um determinado momento a um ponto no tempo – geralmente ao momento da fala –, tempo é considerado uma categoria linguística dêitica. Por sua vez, a categoria linguística de aspecto é definida como uma categoria linguística não dêitica – já que não relaciona os eventos a um ponto de referência – que expressa a constituição temporal interna de um evento (COMRIE, 1976).

Segundo Comrie (1976), há dois aspectos básicos nas línguas naturais: o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo. No perfectivo, o evento é visto como um todo completo, sem a distinção das fases separadas que o compõe, ou seja, o início, o meio e o fim do evento são vistos sem um destaque individual – a sentença apresentada em (1) é um exemplo de um evento perfectivo. Já no imperfectivo, é possível focar o evento em uma parte de sua composição interna, permitindo a visualização de uma de suas fases – a sentença apresentada em (2) é um exemplo de um evento imperfectivo.

Na sentença em (1), portanto, a leitura do sujeito da oração é apresentada como um evento completo, sem subdivisão entre as diferentes fases que a compõem. Já na sentença em

---

<sup>1</sup> Exemplos retirados de Comrie (1976, p. 1).

(2), a leitura do sujeito da oração é apresentada com ênfase na fase intermediária que a compõe.

Por exemplo, na sentença em (3) a seguir, a oração com a locução verbal "estava lendo" apresenta o fundo do evento, enquanto que o evento em questão, em figura<sup>2</sup>, é apresentado na oração com o verbo "entrei", que apresenta a totalidade do evento referido, ou seja, a entrada do falante. Em outras palavras, o evento da leitura está aberto e o falante diz que foi no meio dessa situação que o evento de sua chegada aconteceu. Com isso, por elucidar uma das fases do evento – no exemplo em questão, a sua fase intermediária –, o verbo "estava lendo" denota o aspecto imperfectivo e, por outro lado, por apresentar o evento como um todo completo, sem focar essencialmente em uma de suas etapas, o verbo "entrei" denota o aspecto perfectivo.

(3) *John was reading when I entered.*

'João estava lendo quando eu entrei.'<sup>3</sup>

Em relação ao aspecto perfectivo, Comrie (1976) ressalta que esse aspecto indica um evento completo, com começo, meio e fim, mas não necessariamente indica um evento completado. Segundo o autor, a terminologia "completado" põe muita ênfase no término da ação e, para ele, a finalização da ação é apenas um dos significados possíveis do perfectivo e, portanto, não deve ser considerada a sua característica definitiva. Uma prova de que o perfectivo não indica somente a completude de uma ação, é que ele pode ser usado para se referir ao início de um evento, como por exemplo na sentença em (4) abaixo, em que o início, e não o fim, do evento é destacado.

(4) *Conocí a Pedro hace muchos años.*

'Conheci Pedro há muitos anos.'<sup>4</sup>

Até aqui neste capítulo, discutimos a definição da categoria linguística de aspecto e a distinção entre os dois aspectos básicos nas línguas naturais: o perfectivo e o imperfectivo. Tal distinção, por ser marcada por meio da morfologia verbal, é chamada na literatura de aspecto gramatical. Agora, abordaremos como o aspecto inerente aos itens lexicais e como a

<sup>2</sup> Na perspectiva funcionalista, segundo Hopper (1979), as ações principais de um enunciado se encontram no plano de figura e as ações secundárias se encontram no plano de fundo.

<sup>3</sup> Exemplo retirado de Comrie (1976, p. 3).

<sup>4</sup> Exemplo retirado de Comrie (1976, p. 19).

interação com outras oposições aspectuais podem determinar características aspectuais semânticas. Tal abordagem, por se referir a propriedades particulares de determinadas classes de itens lexicais, é chamada na literatura de aspecto semântico ou de aspecto lexical<sup>5</sup>.

Para apresentar características do aspecto semântico, Comrie (1976) estabeleceu três oposições de traços semânticos que possuem propriedades aspectuais diferentes, a saber: pontualidade *versus* duratividade, estaticidade *versus* dinamicidade e telicidade *versus* atelicidade.

Em relação à oposição pontualidade *versus* duratividade, o autor afirma que um evento pontual é aquele que não possui uma duração interna, nem em um período de tempo muito curto e, em oposição, um evento durativo é aquele que dura por certo período de tempo. As sentenças apresentadas em (5) e (6) a seguir indicam, respectivamente, exemplos de um evento pontual e de um evento durativo.

(5) *John reached the summit of the mountain.*

'João alcançou o cume da montanha.'

(6) *I stood there for an hour.*

'Eu fiquei lá por uma hora.'<sup>6</sup>

Em relação à oposição estaticidade *versus* dinamicidade, Comrie (1976) afirma que um evento estático é aquele que não exige um fornecimento de energia ininterrupto para a sua continuidade e, em oposição, um evento dinâmico é aquele que exige um fornecimento de energia ininterrupto para a sua continuidade, que pode ser ou não proveniente do sujeito do evento. As sentenças apresentadas em (7) e (8) a seguir indicam, respectivamente, exemplos de um evento estático e de um evento dinâmico.

(7) *John knows where I live.*

'João sabe onde eu moro.'

(8) *John is running.*

'João está correndo.'<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Neste trabalho, optamos por utilizar a nomenclatura "aspecto semântico".

<sup>6</sup> Exemplos retirados de Comrie (1976, pp. 41 e 43).

<sup>7</sup> Exemplos retirados de Comrie (1976, p. 49).



Já em relação à oposição telicidade *versus* atelicidade, Comrie (1976) afirma que um evento télico é aquele que avança em direção a uma conclusão delimitada e, em oposição, um evento atélico é aquele que segue avançando sem uma conclusão delimitada. As sentenças apresentadas em (9) e (10) a seguir indicam, respectivamente, exemplos de um evento télico e de um evento atélico.

(9) *John is making a chair.*

'João está fazendo uma cadeira.'

(10) *John is singing.*

'João está cantando.'<sup>8</sup>

Segundo o autor, no exemplo em (9), antes de se chegar ao ponto final do evento, não é possível dizer que o João realizou a ação de "fazer uma cadeira". Por sua vez, no exemplo em (10), o João pode parar de cantar em qualquer ponto e ainda assim é possível dizer que ele "cantou". Essa concepção é permitida pois em (9) há um ponto de término – o evento é télico –, mas em (10) não há esse ponto – o evento é atélico.

Neste trabalho, o foco é justamente um dos traços dessa oposição entre os traços aspectuais de telicidade e atelicidade. Portanto, no próximo capítulo, discutiremos mais profundamente o traço de telicidade e os conceitos associados a esse traço.

---

<sup>8</sup> Exemplos retirados de Comrie (1976, p. 44).

## 2 O traço de telicidade

A palavra telicidade vem do termo grego *télos*, que significa "fim" ou "objetivo". Desse modo, a telicidade está relacionada ao traço aspectual de uma situação que possui um ponto final inerente e definido, impedindo que essa situação tenha continuidade para além desse ponto, uma vez que, ao atingi-lo, se apresentaria completa de algum modo, carregando a informação de finitude.

A sentença destacada abaixo em (11) é um exemplo de uma situação télica, uma vez que descreve uma ação que tem um ponto final inerente e definido que, depois de alcançado, impede que tal ação continue. Já a sentença destacada em (12) é um exemplo de uma situação atélica, pois descreve uma ação que não possui um ponto final inerente e definido, permitindo que tal ação apresente uma continuidade infinita.

(11) *John is eating an apple.*

'João está comendo uma maçã.'

(12) *John is eating apples.*

'João está comendo maçãs.'

É importante ressaltar que um dado verbo – como o verbo "comer" apresentado nos exemplos (11) e (12) acima – pode ser considerado télico em determinado contexto e atélico em outro, a depender de algumas mudanças de outros constituintes oracionais. Isso mostra que predicados verbais télicos e atélicos são definidos a partir dos contextos linguísticos em que se apresentam.

Sendo assim, por um lado, é consensual que os conceitos de telicidade e atelicidade fazem referência à presença ou à ausência, respectivamente, de um ponto final de determinada situação. Por outro lado, por a telicidade ser um assunto que possui muita repercussão na literatura, há algumas nuances que diferenciam a concepção de ponto final segundo diferentes autores.

Vendler (1967) já apresentava a noção de telicidade sem, todavia, fazer menção a esse termo. A partir das propriedades aspectuais inerentes ao significado do verbo, o autor estabeleceu quatro tipos de situações tendo em vista os traços semânticos de predicados verbais, a saber: estados – exemplo em (13) –, atividades – exemplo em (14) –, processos

culminados (*accomplishments*) – exemplo em (15) – e culminações (*achievements*)<sup>9</sup> – exemplo em (16).

(13) *Loving somebody.*

'Amando alguém.'

(14) *Running.*

'Correndo.'

(15) *Painting a picture.*

'Pintando uma figura.'

(16) *Finding an object.*

'Achando um objeto.'<sup>10</sup>

Segundo Vendler (1967), os estados e as atividades apresentam eventos que não são definidos e que possuem um caráter homogêneo, ou seja, as partes que compõem tais eventos são da mesma natureza que o todo. A diferença entre eles se daria em função do fato de os estados não envolverem um processo – apesar de terem duração – e, por isso, não poderem ser classificados como ações e as atividades envolverem um processo que tem uma certa duração. Já os processos culminados e as culminações apresentam eventos que são definidos e que não possuem um caráter homogêneo, ou seja, as partes que compõem tais eventos não são iguais. A diferença entre eles se daria em função do fato de os processos culminados envolverem períodos de tempo – já que apresentam uma certa duração – e as culminações envolverem instantes de tempo – já que não apresentam duração.

Ao falar de eventos definidos, o autor está fazendo referência, em outras palavras, a eventos que possuem uma não homogeneidade e um ponto final delimitado – eventos télicos. De acordo com Leah (2010), "*telicity is defined by two properties: endpoint and homogeneity*"<sup>11</sup> (LEAH, 2010, p. 102). Desse modo, é possível notar que, para Vendler (1967), os estados e as atividades são situações atélicas e os processos culminados e as culminações são situações télicas, mesmo que o autor não mencione especificamente esses termos.

<sup>9</sup> Neste trabalho, utilizaremos as traduções "processos culminados" para *accomplishments* e "culminações" para *achievements*, tal como foi proposto por Oliveira et al. (2003).

<sup>10</sup> Exemplos retirados de Vendler (1967, p. 107).

<sup>11</sup> "Telicidade é definida por duas propriedades: ponto final e homogeneidade".

Segundo Comrie (1976), uma situação télica é a que envolve um processo durativo<sup>12</sup> que leva a um ponto final bem definido, além do qual o processo não pode continuar. Para o autor, é importante fazer a distinção entre situações télicas/ atélicas e verbos télicos/ atélicos, uma vez que não é tão simples nomear como télicos verbos que se referem a situações télicas, bem como nomear como atélicos verbos que se referem a situações atélicas.

O autor afirma que se fosse simples, poderíamos, em princípio, considerar o verbo "afogar" um verbo télico, já que o afogamento é um processo que necessariamente alcança um ponto final, e o verbo "cantar" poderia ser considerado um verbo atélico, já que não há um ponto final intrínseco a essa ação. No entanto, Comrie (1976) afirma que situações não são descritas por verbos isolados, mas pelo verbo em conjunto com os seus argumentos. Por isso, para o autor, é importante falar em situações télicas e não em verbos télicos e em situações atélicas e não em verbos atélicos. Nas sentenças em (17) e (18), o mesmo verbo "cantar" descreve, respectivamente, uma situação télica e uma situação atélica e essa mudança se deve em função do argumento "uma música" presente no exemplo em (17).

(17) *John is singing a song.*

'João está cantando uma música.'

(18) *John is singing.*

'João está cantando.'<sup>13</sup>

Segundo Smith (1991), a distinção entre eventos télicos e atélicos tem relação com o fato de um evento ter um ponto final natural<sup>14</sup> que consiste em um objetivo ou resultado. Eventos télicos possuem um ponto final natural, ao passo que eventos atélicos não possuem esse ponto. Para a autora, a telicidade é uma propriedade essencial do evento e, por isso, geralmente não é aberta para escolha aspectual. É uma propriedade que não pode ser mudada com o propósito de ênfase ou ponto de vista.

Assim como Vendler (1967), a partir das propriedades aspectuais inerentes ao significado do verbo, Smith (1991) estabeleceu tipos de situações tendo em vista os traços semânticos de predicados verbais. No entanto, a autora estabeleceu cinco categorias, a saber:

<sup>12</sup> Neste caso, há uma diferença entre o que afirmam Vendler (1967) e Comrie (1976), já que aquele considera que mesmo eventos pontuais que tenham um ponto final definido, como as culminações, são télicos. Essa questão será aprofundada na seção 2.1 deste capítulo.

<sup>13</sup> Exemplos retirados de Comrie (1976, p. 45).

<sup>14</sup> Smith (1991) utiliza o termo "ponto final natural" para descrever a propriedade que distingue eventos télicos de eventos atélicos com o objetivo de evitar conotações agentivas de ponto final, ou seja, a categoria de eventos télicos não é limitada a eventos que estão sobre o controle de um agente. O evento de uma pedra caindo de um penhasco é, portanto, télico, uma vez que o ponto final natural é alcançado quando a pedra está no chão.

estados, atividades, processos culminados, semelfactivos<sup>15</sup> e culminações. De acordo com a autora, os estados não estariam dentro do escopo da telicidade por não possuírem estrutura interna e estariam dentro do escopo da telicidade as atividades – exemplo em (19) –, os processos culminados – exemplo em (20) –, os semelfactivos – exemplo em (21) – e as culminações – exemplo em (22) –, sendo as atividades e os semelfactivos eventos atélicos e os processos culminados e as culminações eventos téllicos.<sup>16</sup>

(19) *To laugh.*

'Rir.'

(20) *To build a house.*

'Construir uma casa.'

(21) *To knock.*

'Bater.'

(22) *To win a race.*

'Ganhar uma corrida.'<sup>17</sup>

De acordo com a autora, eventos são categorizados como téllicos ou atélicos e os eventos téllicos são direcionados para um objetivo, que é intrínseco ao evento, constituindo o seu ponto final natural. Quando esse objetivo é alcançado, uma mudança de estado ocorre e o evento está completo. Em contrapartida, eventos atélicos são processos simples, que são realizados assim que começam e não possuem pontos finais intrínsecos. Por isso, um evento atélico tem um ponto final arbitrário e pode parar a qualquer momento.

Segundo Krifka (1992), uma expressão verbal é atélica se a sua denotação não apresenta um ponto terminal, ao passo que uma expressão verbal é téllica se a sua denotação inclui um ponto terminal. Para o autor, a noção de ponto terminal só pode ser definida em relação a uma dada descrição concreta, ou seja, se considerarmos um evento de "correr" e um evento de "correr uma milha", por exemplo, certamente ambos os eventos possuem um ponto terminal – sabemos que ninguém vai correr infinitamente – e ambos os eventos podem até

<sup>15</sup> A autora acrescentou à classificação de Vendler (1967) a categoria dos semelfactivos e, de acordo com ela, podemos distinguir as atividades dos semelfactivos ao olhar para as fases do evento, ou seja, as atividades são constituídas por fases diferentes e os semelfactivos são constituídos por fases idênticas e essas fases são idênticas ao evento como um todo. Além do exemplo apresentado a seguir em (21), outros exemplos de eventos semelfactivos são "tossir" e "pisicar".

<sup>16</sup> Em consonância com o que afirma Vendler (1967) e contrariando o que afirma Comrie (1976), Smith (1991) considera como téllicos os eventos não durativos que levam a um ponto final definido, como as culminações. Esse item será tratado mais especificamente na seção 2.1 deste capítulo.

<sup>17</sup> Exemplos retirados de Smith (1991, p. 28).

mesmo ser idênticos. A diferença entre eles é que o evento de "correr" pode ser uma parte do evento "correr uma milha", o qual apresenta um ponto terminal posterior, ao passo que o contrário não é possível que seja inferido.

Segundo Slabakova (2000), uma sentença é definida como télica se a situação que ela descreve tem um desfecho natural inerente, que necessita ser alcançado, e, uma vez que esse desfecho seja alcançado, a situação não pode concebivelmente continuar. Por outro lado, uma sentença é definida como atélica se a situação descrita não possui um desfecho natural inerente. O exemplo (23) a seguir descreve uma situação télica, ao passo que os exemplos em (24) e (25) descrevem situações atélicas.

(23) *John ran the marathon.*

'João correu a maratona.'

(24) *John ran.*

'João correu.'

(25) *John ran laps.*

'João correu voltas.'<sup>18</sup>

A autora afirma que, considerando o evento descrito em (23), depois de ter corrido a distância da maratona, não há um metro a mais que possa ser corrido e que será descrito na sentença, uma vez que a situação alcançou o seu desfecho natural inerente, mensurado pela distância da maratona. No caso dos exemplos (24) e (25), o evento de correr pode eventualmente continuar indefinidamente.

Segundo MacDonald (2008), a telicidade tem relação com a presença ou a ausência do fim de um evento. Sendo assim, predicados télicos descrevem eventos que são interpretados como tendo um final, já predicados atélicos descrevem o contrário, ou seja, eventos que são interpretados como não tendo esse final. Podemos dizer que o exemplo descrito em (26) a seguir apresenta um evento télico, pois descreve um evento que possui um final determinado, já o descrito em (27) apresenta um evento atélico, uma vez que descreve um evento que não possui um final.

(26) *John drank a pitcher of beer.*

'João bebeu uma jarra de cerveja.'

---

<sup>18</sup> Exemplos retirados de Slabakova (2000, p. 743).

(27) *John drank beer.*

'João bebeu cerveja.'<sup>19</sup>

O exemplo em (27) acima descreve um evento que não apresenta um fim. No entanto, para o autor, é perfeitamente possível o fato de que essa sentença possa ser produzida dessa mesma maneira ao descrever o exemplo apresentado em (26). Desse modo, o evento passaria a ter um fim, ou seja, quando as últimas gotas de cerveja da jarra fossem bebidas, o evento alcançaria o seu ponto final e, por meio dessa interpretação, a sentença em (27) descreveria um evento télico. Contudo, segundo MacDonald (2008), um predicado deve ser classificado como télico ou atélico independentemente da interpretação de um evento do mundo real ter um fim ou não. Com isso, o exemplo em (27) é uma sentença atélica, uma vez que descreve um evento sem um fim, mesmo sendo compatível algum outro tipo de interpretação.

Neste trabalho, assumimos que a marcação de ponto final de um evento pode ser realizada de diferentes maneiras nas línguas naturais, como por exemplo, por meio de determinado tipo de complemento – conforme afirmam Comrie (1976) e Slabakova (2000) –, ou por meio de um adjunto adverbial preposicionado – conforme afirmam De Miguel (1999) e Wachowicz (2008). Abordaremos como se dá a realização do traço de telicidade em algumas línguas naturais, exemplificando diferentes modos de marcação de ponto final inerente dos eventos télicos, no capítulo 3 deste trabalho.

Até aqui neste capítulo, discutimos sobre o traço de telicidade e os conceitos associados a ele, como, por exemplo, o conceito de ponto final, sob a perspectiva de diferentes autores, tais como Vendler (1967), Comrie (1976), Smith (1991), Krifka (1992), Slabakova (2000) e MacDonald (2008). Na próxima seção, abordaremos a relação entre o traço de telicidade e o traço de pontualidade.

## 2.1 Interação entre os traços de telicidade, pontualidade e estaticidade

Como foi explicitado anteriormente, segundo Vendler (1967), eventos télicos são aqueles que apresentam uma não homogeneidade combinada a uma não definitude e, se considerarmos essa afirmação, é possível notar que o autor considera como eventos télicos

---

<sup>19</sup> Exemplos retirados de MacDonald (2008, p. 137).

tanto os processos culminados – que são eventos durativos – quanto as culminações – que são eventos pontuais.

No entanto, segundo Comrie (1976), para considerar um evento como télico, é necessário que o processo que leva tal evento ao seu ponto final seja mostrado, ou seja, para o autor, um evento télico é somente aquele que envolve duratividade. O exemplo em (28) a seguir ilustra um processo que não apresenta duratividade e, por isso, é classificado como pontual.

(28) *John reached the summit.*

'João alcançou o cume.'<sup>20</sup>

O exemplo em (28) acima, de acordo com Comrie (1976), não pode ser considerado um evento télico, já que em eventos télicos não só o ponto final necessita ser alcançado, como o processo que leva o evento ao ponto final necessita ser claramente apresentado. Portanto, para o autor, o traço de telicidade é incompatível com o traço de pontualidade. Além disso, o autor exclui do escopo da telicidade os eventos estáticos, uma vez que esses eventos não envolvem um processo. Logo, para o autor, o traço de telicidade é também incompatível com o traço de estaticidade.

Seguindo a mesma linha de Comrie (1976), Wachowicz (2008, p. 64) afirma:

"Se telicidade é a culminância de uma ação em processo, os *achievements* não têm duração ou não exibem o processo pressuposto no traço télico. Em outras palavras, não faz sentido dizer que *achievement* é télico se ele não tem culminância, só mudança de estado."

Em oposição, Smith (1991) considera que há compatibilidade entre os traços de telicidade e pontualidade e afirma que um evento pontual pode ser classificado como télico. A autora mostra essa consideração ao afirmar – em consonância com Vendler (1967) – que o único traço distintivo entre os processos culminados e as culminações é o traço de duratividade. Contudo, a autora vai ao encontro do que postulam Comrie (1976) e Wachowicz (2008) ao dizer que o traço de telicidade não é condizente com situações estáticas, pelo fato de tais situações não apresentarem estrutura interna. Logo, segundo Smith (1991), o traço de

---

<sup>20</sup> Exemplo retirado de Comrie (1976, p. 47).



telicidade é incompatível com o traço de estaticidade. A tabela 1 a seguir sintetiza os cinco tipos de situação de acordo com seus traços, segundo Smith (1991).

| Traços<br>Situações  | Estático | Durativo | Télico |
|----------------------|----------|----------|--------|
|                      | Estados  | [+]      | [+]    |
| Atividades           | [-]      | [+]      | [-]    |
| Processos culminados | [-]      | [+]      | [+]    |
| Semelfactivos        | [-]      | [-]      | [-]    |
| Culminações          | [-]      | [-]      | [+]    |

Tabela 1. Traços e tipos de situação (Smith, 1991, p. 30).

Na próxima seção, explicitaremos alguns testes que foram desenvolvidos com o objetivo de identificar se uma sentença descreve uma situação télica ou não.

## 2.2 Testes de identificação do traço de telicidade

Os estudos de diferentes áreas científicas desenvolvem modos de corroborar algumas premissas que são estabelecidas em suas áreas. No estudo do aspecto e, mais especificamente, da telicidade, alguns testes foram desenvolvidos ao longo dos anos, a fim de possibilitar a identificação de sentenças télicas. Por esses testes possuírem um caráter mais intuitivo do que propriamente empírico, podem apresentar ineficácias ao serem usados como ferramentas definitivas na identificação do traço de telicidade. No entanto, ainda que com debilidades, são testes que possuem uma certa valia, desde que sejam elucidadas as suas implicações.

Segundo Moure (1991), é possível citar três testes que têm por objetivo identificar se uma situação pode ou não ser considerada télica. O primeiro teste que a autora cita é de Garey (1957 *apud* Moure, 1991) e é denominado "prova de interpretação". Nesse teste, o autor enuncia a seguinte pergunta: "*If one was **verb-ing** but was interrupted while **verb-ing**, has one **verb-ed**?*"<sup>21</sup> (GAREY, 1957 *apud* Moure, 1991, p. 357). Se a resposta para a pergunta for

<sup>21</sup> "Se alguém **estava + (verbo no gerúndio)** mas foi interrompido enquanto **estava + (verbo no gerúndio)**, alguém (**verbo no pretérito perfeito**)?".

negativa, teremos uma sentença télica e, se a resposta for afirmativa, teremos uma sentença atélica. Tomemos as sentenças em (29) e (30) como exemplos.

(29) *Juan cantaba una canción irlandesa.*

'João cantava uma canção irlandesa.'

(30) *Juan cantaba folklore irlandés.*

'João cantava folclore irlandês.'<sup>22</sup>

Aplicando o teste em questão ao exemplo em (29), temos: "Se João estava cantando uma canção irlandesa mas foi interrompido enquanto estava cantando, João cantou uma canção irlandesa?". A resposta para essa pergunta é negativa e, de acordo com a revelação do teste, a sentença exemplificada em (29) é uma sentença télica. De modo contrário, se aplicarmos o teste ao exemplo em (30), teremos: "Se João estava cantando folclore irlandês mas foi interrompido enquanto estava cantando, João cantou folclore irlandês?". A resposta para essa pergunta é positiva e, de acordo com a revelação do teste, a sentença exemplificada em (30) é uma sentença atélica.

Apesar de ressaltar apenas os valores nocionais dos conceitos de telicidade e atelicidade, o teste "prova de interpretação" teve uma repercussão e aceitação geral. Uma prova dessa repercussão é o fato do teste, originado em inglês, ter sido traduzido e adaptado para diferentes línguas, como, por exemplo, para o espanhol: "Si alguien estaba + **gerundio** [+ ...] pero fue interrumpido mientras **imperfecto** [+ ...], ¿ha **participio** [+ ...]?" (MOURE, 1991, p. 358).

O segundo teste citado por Moure (1991) é de Comrie (1976) e é denominado "prova de inclusão". Nesse teste, o autor propõe um mecanismo paradigmático para distinguir uma sentença télica de uma sentença atélica. Segundo ele, se um enunciado com uma forma verbal imperfectiva não inclui o mesmo enunciado com uma forma verbal perfectiva, é porque a sentença é télica. Por outro lado, se um enunciado se refere a uma situação por meio de uma forma verbal imperfectiva e inclui um enunciado correspondente com uma forma verbal perfectiva, é porque a sentença é atélica.

Se criarmos um enunciado correspondente à sentença apresentada em (29), com a forma verbal no perfectivo – como "João cantou uma canção irlandesa" –, tal enunciado não estará contido na sentença com a forma verbal no imperfectivo. Em outras palavras, o

<sup>22</sup> Exemplos retirados de Moure (1991, p. 363).

enunciado "João cantava uma canção irlandesa" não inclui o enunciado "João cantou uma canção irlandesa", ou seja, as duas sentenças não implicam no mesmo sentido e, por isso, pelo teste em questão, a sentença em (29) é uma sentença télica.

Em contrapartida, se criarmos um enunciado correspondente à sentença apresentada em (30), com a forma verbal no perfectivo – como "João cantou folclore irlandês" –, tal enunciado estará contido na sentença com a forma verbal no imperfectivo. Isso significa que o enunciado "João cantava folclore irlandês" inclui o enunciado "João cantou folclore irlandês", ou seja, as duas sentenças implicam no mesmo sentido e, por isso, de acordo com o teste "prova de inclusão", a sentença em (30) é uma sentença atélica.

Por fim, o terceiro teste citado por Moure (1991) é de Declerck (1979 *apud* Moure, 1991) e é denominado "prova de compatibilidade com advérbios durativos". Nesse teste, o autor propõe que a oposição entre situações télicas e atélicas pode ser reconhecida observando a possibilidade de combinação com adjuntos adverbiais do tipo "em quanto tempo" e "por quanto tempo", sendo aquele um adjunto adverbial que se combina com situações télicas e este um adjunto adverbial que se combina com situações atélicas.

Aplicando esse teste à sentença exemplificada em (29), temos: "Em quanto tempo João cantava uma canção irlandesa?" e "\*Por quanto tempo João cantava uma canção irlandesa?". De acordo com o teste, a sentença em (29) se combina apenas com o adjunto adverbial "em quanto tempo" e isso revela que ela descreve uma situação télica. Por outro lado, aplicando esse teste à sentença exemplificada em (30), temos o contrário: "\*Em quanto tempo João cantava folclore irlandês?" e "Por quanto tempo João cantava folclore irlandês?". Portanto, de acordo com o teste "prova de compatibilidade com advérbios durativos", a sentença em (30) se combina apenas com o adjunto adverbial "por quanto tempo" e isso revela que ela descreve uma situação atélica.

Adicionando informação ao teste, Declerck (1979 *apud* Moure, 1991) afirma também que somente sentenças que descrevem situações télicas são compatíveis com a expressão inglesa "*it took somebody [an hour] to...*"<sup>23</sup>, como no exemplo a seguir em (31).

(31) *It took him twenty seconds to draw the circle.*

'Ele levou vinte segundos para desenhar o círculo.'<sup>24</sup>

<sup>23</sup> "Alguém levou [uma hora] para...".

<sup>24</sup> Exemplo retirado de Vendler (1967, p. 101).

Contudo, segundo Leah (2010), ao aplicar o teste "prova de compatibilidade com advérbios durativos", é preciso levar em consideração algumas questões, tais como o fato do tempo e do aspecto de um verbo poder afetar o resultado do teste. Por exemplo, sentenças com o verbo com a morfologia progressiva (está/ estava fazendo) quase não aceitam a combinação com o adjunto adverbial "em quanto tempo" e quase sempre aceitam a combinação com o adjunto adverbial "por quanto tempo", independentemente de serem télicas ou atélicas. Além disso, a autora afirma que o adjunto adverbial "em quanto tempo" pode ser ambíguo. O adjunto adverbial "em uma hora", por exemplo, pode indicar tanto "dentro do espaço de uma hora" quanto "daqui a uma hora" e a segunda possibilidade não é interessante para o estudo da telicidade.

Como foi dito anteriormente, os três testes aqui apresentados mostram ineficácias e debilidades e é importante elucidar esses problemas. No entanto, tais testes não deixam de contribuir para o estudo da telicidade. Moure (1991) afirma, inclusive, que a aplicação desses três testes juntos possibilita a obtenção de resultados bastante confiáveis.

No próximo capítulo, apresentaremos exemplos de como o traço de telicidade pode ser realizado em algumas línguas naturais.

### 3 Realizações do traço de telicidade

No capítulo anterior, mencionamos que a marcação de ponto final pode ser realizada de diferentes maneiras nas línguas naturais. Neste capítulo, abordaremos e exemplificaremos possíveis realizações do traço de telicidade em búlgaro, em inglês, em espanhol e em português<sup>25</sup>, ilustrando diferentes modos de marcação de ponto final nessas línguas.

Diferentemente do búlgaro, o português, o espanhol e o inglês não contam com um morfema verbal que indique a delimitação de um evento. Tal delimitação nessas línguas precisa ser veiculada por meio de outros constituintes oracionais, como por exemplo, por determinado tipo de complemento, por um adjunto adverbial preposicionado ou, em certas línguas, por partículas delimitadoras opcionais. Porém, antes de abordar e exemplificar a realização do traço de telicidade em cada uma das línguas aqui mencionadas, é importante elucidar um conceito que é fundamental no estudo do traço de telicidade: o conceito de cardinalidade.

Segundo Slabakova (2000), a cardinalidade está relacionada à capacidade de algo ser contado ou medido e tal conceito pode ser expresso pelo complemento do verbo. Mais especificamente, a cardinalidade é expressa quando o complemento do verbo é realizado por um sintagma determinante. Temos um complemento de cardinalidade especificada se esse indica algo que pode ser exaustivamente contado ou medido e, de modo contrário, temos um complemento de cardinalidade não especificada se esse indica algo que não pode ser exaustivamente contado ou medido.

Um complemento de cardinalidade especificada pode ser expresso por complementos que contenham, por exemplo, um artigo singular, seja ele definido ou indefinido, ou um numeral e a presença de tal complemento traz para a sentença uma leitura télica – como mostram os exemplos do inglês, do espanhol e do português, respectivamente, em (32) – e um complemento de cardinalidade não especificada pode ser expresso por complementos, pluralizados ou não, que não contenham, por exemplo, um artigo ou um numeral e a presença de tal complemento traz para a sentença uma leitura atélica – como mostram os exemplos do inglês, do espanhol e do português, respectivamente, em (33).

(32) a. *an apple, the cake, ten apples.*

---

<sup>25</sup> Neste capítulo, apoiando-se em alguns estudos que descrevem as possíveis realizações do traço de telicidade em diferentes línguas, abordaremos e exemplificaremos essas realizações, mas não nos comprometeremos com nenhuma variante específica dessas línguas. Porém, no capítulo 4, referente aos resultados obtidos neste trabalho, nos comprometeremos com as variantes "português do Brasil" e "espanhol do Chile".

b. *una manzana, la torta, diez manzanas.*

c. uma maçã, o bolo, dez maçãs.

(33) a. *apples, cake.*

b. *manzanas, torta.*

c. maçãs, bolo.<sup>26</sup>

Em relação ao complemento pluralizado – como mostram os exemplos em inglês, em espanhol e em português, respectivamente, em (34) –, a presença de tal complemento não traz para a sentença uma leitura determinantemente télica ou determinantemente atélica. Isso ocorre pois um complemento dessa natureza não indica ao evento a mesma delimitação que os complementos presentes em (32), mas também não indica ao evento a mesma abertura e não delimitação que os complementos presentes em (33).

(34) a. *the apples, some cakes.*

b. *las manzanas, unas tortas.*

c. as maçãs, uns bolos.

Segundo Moure (1991), a fronteira existente entre uma sentença télica e uma sentença atélica é dada em torno do grau de definição do objeto que o determinante proporciona. Se for um complemento sem determinação explícita – ou, em outras palavras, um complemento de cardinalidade não especificada –, a nitidez escassa de sua delimitação vinculará uma leitura direcionada para a atelicidade. Paralelamente, à medida em que a escala da determinação do complemento aumenta, a vinculação da leitura direcionada para a telicidade também aumenta. A partir dessas palavras, Moure (1991) propõe o esquema a seguir.

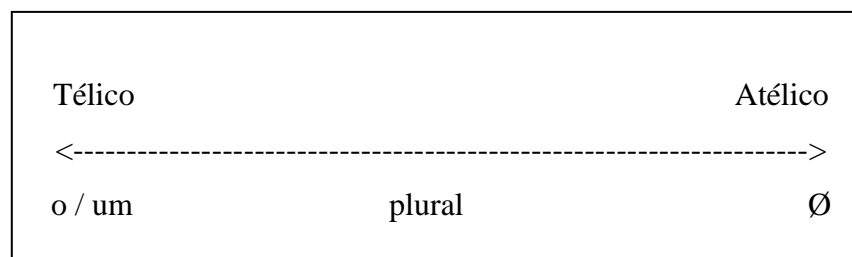


Figura 1. Relação entre telicidade e determinação do complemento (Moure, 1991, p. 364).

<sup>26</sup> Exemplos retirados de Slabakova (2000, p. 744).

Os exemplos listados em (32) apresentam complementos de caráter delimitado e tais complementos nos levam a uma leitura de caráter télico, estando localizados em uma posição mais à esquerda na figura 1 apresentada acima. Os exemplos listados em (33) apresentam complementos de caráter não delimitado e tais complementos nos levam a uma leitura de caráter atélico, estando localizados em uma posição mais à direita na figura. Já os exemplos listados em (34) apresentam complementos que podem nos levar tanto a uma leitura télica quanto a uma leitura atélica, a depender de contextos semânticos e, por isso, estão localizados em uma posição mais central na figura.

Conforme mencionamos no capítulo 2 deste trabalho, predicados verbais télicos e atélicos são definidos a partir dos contextos linguísticos em que se apresentam. Portanto, segundo Comrie (1976), situações não são descritas apenas por verbos isolados, mas sim pelo verbo junto aos seus argumentos, externos e internos<sup>27</sup>. Devido a isso, uma situação descrita pelo mesmo verbo pode descrever ora uma sentença télica, ora uma sentença atélica, como mostram as sentenças exemplificadas em inglês, em espanhol e em português, respectivamente, em (35) e (36) a seguir.

(35) a. *John is singing five songs.*

b. *Juan está cantando cinco canciones.*

c. João está cantando cinco músicas.

(36) a. *John is singing songs.*

b. *Juan está cantando canciones.*

c. João está cantando músicas.<sup>28</sup>

Nas sentenças exemplificadas acima em (35) e (36), a forma verbal utilizada é a mesma – "está cantando". No entanto, as sentenças apresentadas em (35) possuem como argumento interno um complemento de cardinalidade especificada – "cinco músicas" – e descrevem, portanto, eventos télicos, uma vez que tal complemento nos indica que a sentença possui um ponto final delimitado, a saber, quando João chegar ao final das cinco músicas em questão. Já as sentenças apresentadas em (36) possuem como argumento interno um complemento de cardinalidade não especificada – "músicas" – e, por isso, descrevem eventos

<sup>27</sup> Em outras palavras, o argumento externo de um verbo é o sujeito da oração e o argumento interno de um verbo é o seu complemento.

<sup>28</sup> Exemplos retirados de Comrie (1976, p. 45).

atélicos, já que tal complemento nos indica que a sentença não possui um ponto final delimitado.

Até aqui neste capítulo, abordamos o conceito de cardinalidade e vimos que em inglês, em espanhol e em português, a forma verbal em si não indica se o evento é télico ou atélico e, por isso, essas línguas precisam de outros constituintes oracionais, tais como um complemento de cardinalidade especificada ou não especificada, para indicar se o evento é, respectivamente, télico ou atélico. Agora, mostraremos que, diferentemente das línguas citadas acima, em búlgaro há um morfema específico para a marcação de ponto final e a cardinalidade do complemento não é definitiva para essa marcação.

Segundo Slabakova (2000), assim como em inglês, em espanhol e em português, em búlgaro também há formas linguísticas que marcam se um complemento é de cardinalidade especificada ou é de cardinalidade não especificada, como mostram, respectivamente, os exemplos em (37) e (38) a seguir.

(37) *jabelk-a, tri jabelk-i, torta-ta.*

'uma maçã, três maçãs, o bolo.'

(38) *jabelk-i, torta*

'maçãs, bolo.'<sup>29</sup>

No entanto, em búlgaro a presença de um complemento de cardinalidade especificada ou não especificada é irrelevante para a marcação de ponto final, uma vez que nessa língua tal marcação se dá por meio de um pré-verbo<sup>30</sup> e sua presença é obrigatória para denotar à sentença uma leitura télica. Para melhor compreensão, tomemos as sentenças exemplificadas a seguir em (39) e (40).

(39) *Toj na-pis-a tri pisma.*

Ele PV - escrever - 3sS três cartas.

'Ele escreveu três cartas.'

(40) *Toj na-pis-a pisma.*

Ele PV - escrever - 3sS cartas.

'Ele escreveu cartas.'<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Exemplos retirados de Slabakova (2000, p. 743).

<sup>30</sup> Na glossa utilizada nos exemplos em (39) e (40), o pré-verbo foi indicado pelas iniciais "PV".

<sup>31</sup> Exemplos retirados de Slabakova (2000, p. 747).



No exemplo em (39), tanto a sentença em búlgaro quanto a sentença traduzida para o português são télicas, e é possível pensar que isso ocorre devido à cardinalidade especificada do complemento "três cartas". Contudo, ao olharmos para a sentença em (40), vemos que em búlgaro a presença de um complemento de cardinalidade especificada não é relevante para classificar uma sentença como télica. Em (40), a sentença traduzida para o português descreve um evento atélico, dada a cardinalidade não especificada do complemento, mas, em oposição, a sentença em búlgaro descreve um evento télico, dada a presença do pré-verbo "na-", ainda que o complemento "cartas" seja de cardinalidade não especificada. Isso ocorre porque o que é crucial para a marcação de ponto final nesse contexto é o morfema "na-", já que em búlgaro há um morfema específico para essa marcação.

Retomando Comrie (1976), o autor afirma que, no estudo da telicidade, não só o verbo como também os seus argumentos devem ser levados em consideração. Vimos anteriormente como o argumento interno de um dado verbo, em línguas como o inglês, o espanhol e o português, interfere na leitura de um evento como sendo télico ou atélico. No entanto, o argumento externo do verbo, não só o interno, pode influenciar na expressão do traço de telicidade.

Em parágrafos anteriores, abordamos o fato de que um argumento interno pluralizado e sem determinação especificada traz para a sentença uma leitura atélica do evento. Tal fato ocorre também com o argumento externo pluralizado e não delimitado do verbo, como podemos ver nas orações destacadas em negrito dos exemplos em inglês, em espanhol e em português, respectivamente, em (41) a seguir.

(41) a. ***Cats drown** if you put them in deep water.*<sup>32</sup>

b. ***Gatos se ahogan***<sup>33</sup> *si los ponen en agua profunda.*

c. ***Gatos se afogam*** se você colocá-los em água profunda.

Segundo Comrie (1976), o verbo "afogar" denota, em primeira instância, uma situação télica, uma vez que o afogamento é um processo que necessariamente alcança um ponto final. Contudo, se tomarmos as orações destacadas em negrito das sentenças expressas em (41), podemos afirmar que se tratam de orações que descrevem um evento atélico, uma vez que fazem referência a uma tendência para os gatos se afogarem, ou seja, uma tendência que pode continuar indefinidamente, independentemente do número de gatos que tenham completado o

<sup>32</sup> Exemplo retirado de Comrie (1976, p. 45).

<sup>33</sup> Vale ressaltar que o pronome "se" presente nesta sentença é um pronome reflexivo.

ato de se afogar. Essa leitura atélica só é possível de ser realizada devido ao argumento externo pluralizado e não delimitado do verbo "afogar" – o argumento externo "gatos".

Além dos argumentos interno e externo do verbo, segundo De Miguel (1999), a presença de um adjunto adverbial preposicionado também pode interferir na marcação de ponto final de um evento. As sentenças expostas em (42), respectivamente em espanhol, em inglês e em português, são exemplos de um evento que pode ser classificado como télico somente pela presença do adjunto adverbial preposicionado "até as três", o qual estabelece o ponto final do evento. Sem a presença de tal adjunto, as sentenças descreveriam um evento atélico, como mostram as sentenças em (43).

(42) a. *Luis trabajaba hasta las tres.*<sup>34</sup>

b. *Luis worked until three.*

c. Luis trabalhava até as três.

(43) a. *Luis trabajaba.*

b. *Luis worked.*

c. Luis trabalhava.

Da mesma maneira, Wachowicz (2008) dá como exemplos as sentenças expostas em (44) a seguir e afirma que tais sentenças trazem mais uma questão para o estudo da telicidade. A respeito de (44a), a autora afirma que a sentença "*tem um complemento preposicionado, ou um PP*<sup>35</sup> *adjunto, que confirma a atelicidade do verbo*" e, a respeito de (44b), a autora explicita que na sentença "*o mesmo verbo atélico "nadar", uma atividade, aparece com complemento preposicionado que agora teliciza o VP*<sup>36</sup>" (WACHOWICZ, 2008, p. 63).

(44) a. João nadou através da piscina.

b. João nadou até o fim da piscina.<sup>37</sup>

Até agora, vimos que o búlgaro contém um morfema específico de marcação de ponto final e que línguas como o inglês, o espanhol e o português não apresentam um morfema dessa natureza. Devido a isso, estas línguas necessitam veicular a noção de marcação de ponto final por meio de outros constituintes oracionais. Em relação a isso, mencionamos que um

<sup>34</sup> Exemplo retirado de De Miguel (1999, p. 3000).

<sup>35</sup> A sigla PP refere-se ao termo em inglês *Prepositional Phrase*, que significa "Sintagma Preposicional".

<sup>36</sup> A sigla VP refere-se ao termo em inglês *Verbal Phrase*, que significa "Sintagma Verbal".

<sup>37</sup> Exemplos retirados de Wachowicz (2008, p. 62).

complemento de cardinalidade especificada e um adjunto adverbial preposicionado podem dar à sentença um caráter télico e um complemento de cardinalidade não especificada e um sujeito pluralizado não delimitado podem dar à sentença um caráter atélico. Por fim, explicitaremos agora uma partícula delimitadora opcional que indica uma leitura obrigatoriamente télica da sentença. Das línguas mencionadas neste trabalho, tal partícula só ocorre em inglês e em espanhol.

Segundo Brinton (1988 *apud* Slabakova, 2000), em inglês, a partícula "up" é considerada um marcador evidente de telicidade e tal partícula pode aparecer ou não na sentença. Entretanto, para a presença dessa partícula não tornar a sentença agramatical, é necessário que a sentença contenha um complemento de cardinalidade especificada, o qual indique que a sentença descreve um evento télico. Os exemplos em (45) a seguir comprovam que, se combinada a um complemento de cardinalidade não especificada, como em (45b), a partícula delimitadora "up" torna a sentença agramatical.

(45) a. *Claire ate her apple (up).* / *Claire ate (up) her apple.*

'Claire comeu sua maçã.'

b. *Claire ate (\*up) apples.* / *Claire ate apples (\*up).*

'Claire comeu maçãs.'<sup>38</sup>

Em espanhol, segundo De Miguel & Lagunilla (2000), da mesma maneira, a partícula "se"<sup>39</sup> é considerada um marcador evidente de telicidade e tal partícula pode aparecer ou não na sentença. Para as autoras, esse "se" aspectual é um operador de aspecto, cujo uso é opcional, e sua presença na sentença indica o ponto final de um evento, mostrando uma mudança de estado do objeto afetado. Essa partícula pode ocorrer com verbos transitivos combinados a um complemento de cardinalidade especificada e com verbos inacusativos<sup>40</sup>. As sentenças exemplificadas em (46) e em (47) a seguir mostram a partícula "se" combinada a verbos transitivos. O uso nessas sentenças de um complemento de cardinalidade não especificada torna a sentença agramatical – exemplos em (46b) e (47b). De modo contrário, o

<sup>38</sup> Exemplos retirados de Slabakova (2000, p. 746).

<sup>39</sup> Vale ressaltar que o "se" ao qual estamos fazendo referência neste trabalho é o chamado "se" aspectual por De Miguel & Lagunilla (2000). O clítico "se" em espanhol é um elemento que possui muitas facetas de significado e pode designar, entre outras, a noção de reflexividade, como apareceu no exemplo apresentado em (41b) neste trabalho, e a noção de aspecto. Esta é a noção que nos interessa no presente trabalho.

<sup>40</sup> Segundo Preuss & Finger (2009), os verbos inacusativos "são uma classe de verbos intransitivos que denotam estados ou eventos não agentivos (culminações), em que o único argumento recebe a ação, ou seja, é nele que se produz ou manifesta a eventualidade que denota o verbo." (PREUSS & FINGER, 2009, p. 446).

uso nessas sentenças de um complemento de cardinalidade especificada torna a sentença gramatical – exemplos em (46a) e (47a).

(46) a. *Juan (se) bebió una caña.*

'João bebeu um copo de cerveja.'

b. *Juan (\*se) bebió cerveza.*

'João bebeu cerveja.'

(47) a. *Juan (se) ha visto toda la película.*

'João viu todo o filme.'

b. *Juan (\*se) ha visto cine inglés.*

'João viu cinema inglês.'<sup>41</sup>

Como foi mencionado no parágrafo anterior, além de se combinar a verbos transitivos, a partícula "se" também pode estar associada a verbos inacusativos. No entanto, nesses casos, ao invés de um complemento de cardinalidade especificada, a delimitação do evento pode ser dada por meio de um adjunto adverbial preposicionado – exemplo em (48), em que o adjunto adverbial preposicionado "no chão" marca o ponto final do evento – ou por um adjunto que marque um limite inicial do evento – exemplo em (49), em que o adjunto adverbial preposicionado "da prateleira" marca o ponto de partida do evento.

(48) *El plato (se) cayó al suelo.*

'O prato caiu no chão.'<sup>42</sup>

(49) *El libro (se) cayó del estante.*

'O livro caiu da prateleira.'<sup>43</sup>

Neste capítulo, abordamos e exemplificamos como o traço de telicidade pode ser realizado em algumas línguas naturais, tais como em búlgaro, em inglês, em espanhol e em português. Após todo o embasamento teórico que foi abordado nos três primeiros capítulos desta monografia, no próximo capítulo, explicitaremos a metodologia que foi adotada, a fim de desenvolver o presente trabalho.

<sup>41</sup> Exemplos retirados de De Miguel & Lagunilla (2000, p. 13).

<sup>42</sup> Exemplo retirado de Preuss & Finger (2009, p. 446).

<sup>43</sup> Exemplo retirado de De Miguel & Lagunilla (2000, p. 13).

## 4 Metodologia

No capítulo anterior, apresentamos e exemplificamos diferentes modos de marcação de ponto final inerente dos eventos tólicos em búlgaro, em inglês, em espanhol e em português. Como o objetivo deste trabalho é investigar as realizações do traço [+ tólico] especificamente no português do Brasil (doravante PB) e no espanhol do Chile (doravante EC), neste capítulo, abordaremos a metodologia desenvolvida neste estudo para alcançar tal objetivo.

Este capítulo está dividido em quatro seções: na primeira seção, descreveremos o perfil dos informantes que participaram deste trabalho; na segunda seção, apresentaremos o teste que foi adotado nesta pesquisa; na terceira seção, elucidaremos o procedimento de aplicação do teste; e, na última seção, explicitaremos os critérios estabelecidos para analisar os resultados deste trabalho.

### 4.1 Os informantes

Para investigar as realizações do traço [+ tólico] no PB e no EC, foram selecionados seis indivíduos adultos saudáveis – que não fossem diagnosticados com alguma patologia que pudesse comprometer os seus desempenhos no teste –, sendo três falantes nativos do PB e três falantes nativos do EC. Os seis informantes tinham entre 20 e 25 anos de idade e todos tinham tido acesso ao Ensino Superior, variando entre Ensino Superior incompleto e completo. No que diz respeito ao sexo, foram selecionados quatro indivíduos do sexo masculino – sendo dois brasileiros e dois chilenos – e dois indivíduos do sexo feminino – sendo uma brasileira e uma chilena. A tabela 2 a seguir apresenta o perfil de cada informante selecionado.

| Informante | Nacionalidade | Sexo      | Idade   | Escolaridade               |
|------------|---------------|-----------|---------|----------------------------|
| F.         | Brasileiro    | Masculino | 21 anos | Ensino Superior incompleto |
| J.         | Brasileiro    | Masculino | 20 anos | Ensino Superior incompleto |
| M.         | Brasileiro    | Feminino  | 25 anos | Ensino Superior completo   |
| D.         | Chileno       | Masculino | 24 anos | Ensino Superior completo   |
| E.         | Chileno       | Masculino | 23 anos | Ensino Superior completo   |
| K.         | Chileno       | Feminino  | 23 anos | Ensino Superior incompleto |

Tabela 2. Perfil dos informantes selecionados.

## 4.2 O teste

A fim de atingir o objetivo deste estudo, utilizamos um teste de produção semiespontânea desenvolvido por Martins, Lourençoni & Novaes (2013). Esse teste continha treze conjuntos compostos por três fotos cada, sendo o primeiro conjunto usado apenas como uma prática para conferir se o informante havia de fato entendido a tarefa a ser desenvolvida. Portanto, o teste continha doze conjuntos efetivamente considerados na análise dos dados. Todos os conjuntos de fotos retratavam ações cotidianas, como por exemplo a ação de montar um quebra-cabeça, sendo esse o conjunto utilizado apenas como prática.

Os outros doze conjuntos de fotos retratavam as seguintes ações: comer uma banana, fazer uma limonada, ralar uma cenoura, fritar um ovo, fazer um chá, preparar um hambúrguer, abrir um coco, pintar um quadro, descascar uma laranja, recortar um desenho, escrever um texto e beber um copo de refrigerante. Além de retratar imagens cotidianas, a personagem de todas as fotos era sempre a mesma e os conjuntos mantinham um padrão, a saber: a primeira foto retratava sempre uma ação que iria começar a ser desenvolvida, a segunda foto retratava sempre uma ação que estava em andamento e a terceira foto retratava sempre uma ação que estava já finalizada. É possível notar tais características se examinarmos a figura 2 a seguir, a qual ilustra o conjunto "descascar uma laranja" utilizado no teste.



Figura 2. Fotos do conjunto "descascar uma laranja".

## 4.3 O procedimento de aplicação

Em relação à aplicação do teste aos informantes, foram necessários dois procedimentos distintos, uma vez que não tínhamos acesso pessoalmente aos três informantes chilenos selecionados.

Quanto aos três informantes brasileiros, o teste foi aplicado pessoalmente, na residência de um dos pesquisadores. A esses informantes, os conjuntos de fotos foram sempre apresentados um a um sobre uma mesa. Todas as fotos foram impressas coloridas em papel fotográfico no formato de 10 centímetros de altura por 15 centímetros de comprimento.

Quanto aos três informantes chilenos, o teste foi aplicado através de uma ferramenta *online* que dispusesse opção de comunicação por voz e vídeo e os conjuntos de fotos utilizados no teste foram enviados pela *Internet* em um arquivo em formato .pdf, no momento antes da aplicação do teste ser iniciada. Cada conjunto de fotos estava disposto em uma página, a fim de que os informantes visualizassem um conjunto por vez.

Antes de apresentar o primeiro conjunto de fotos, era solicitado ao informante que narrasse os conjuntos, com a ressalva de que ele falasse de cada uma das três fotos presentes em cada conjunto. Após narrar o primeiro conjunto de fotos, o conjunto seguinte era apresentado ao informante, seguindo esse procedimento com todos os conjuntos de fotos presentes no teste.

A fim de que o informante produzisse sentenças da maneira mais espontânea possível, o comando dado pelo pesquisador era monitorado e procurava conter formas verbais principalmente no imperativo<sup>44</sup>. Dessa forma, acreditávamos ser possível que a fala do pesquisador não influenciasse a fala dos informantes. A respeito da aplicação aos informantes chilenos, ainda foi feita a ressalva de que eles tentassem não se preocupar com o fato de espanhol não ser a língua nativa do pesquisador<sup>45</sup>. Com o comando monitorado e com essa ressalva feita aos informantes chilenos, era esperado que a produção dos indivíduos fosse realizada de maneira relativamente espontânea.

Durante as aplicações, tanto aos informantes brasileiros quanto aos informantes chilenos, os áudios foram gravados e, posteriormente, transcritos.

#### 4.4 Os critérios de análise

Para a análise dos resultados, foi levada em consideração a produção referente às três fotos de cada conjunto. Em relação à seleção das sentenças produzidas pelos informantes,

---

<sup>44</sup> O comando era dado aos informantes brasileiros da seguinte forma: “eu vou apresentar treze conjuntos de fotos e eu quero que você me conte uma história a partir deles... narre esses conjuntos (e o primeiro conjunto de fotos era colocado na frente do informante)... mas me fala de cada foto...”.

<sup>45</sup> O comando era dado aos informantes chilenos da seguinte forma: "siempre son tres imágenes e hay trece secuencias... lo que pido es que hable de cada una de las imágenes... hay tres y quiero que hable de cada una de ellas... pero no te preocupes se voy a entender todo o no... intenta hablar espontáneamente...";

foram consideradas na análise todas as sentenças classificadas como télicas. É importante mencionar que, em consonância com Smith (1991), consideramos como télicas as sentenças que descrevem eventos durativos ou pontuais dinâmicos que levam a um ponto final definido, conforme apresentado na seção 2.1 do capítulo 2. Ademais, para considerar tais sentenças como télicas, aplicamos a elas os testes "prova de interpretação", "prova de inclusão" e "prova de compatibilidade com advérbios durativos", mencionados na seção 2.2 do capítulo 2.

As sentenças em PB e em EC apresentadas, respectivamente, em (50a) e (50b) a seguir ilustram exemplos de sentenças referentes à segunda foto do conjunto "descascar uma laranja", ilustrado na figura 2 da seção 4.2, que foram consideradas em nossa análise.

(50) a. "na segunda ela tá descascando a laranja" (informante F.; segunda foto do conjunto "descascar uma laranja")

b. "*en la segunda foto la señora está pelando la naranja con el cuchillo*" (informante D.; segunda foto do conjunto "descascar uma laranja")

'na segunda foto a senhora está descascando a laranja com a faca'

Se aplicarmos o teste "prova de interpretação" aos exemplos em (50), teremos: "Se ela estava descascando uma laranja mas foi interrompida enquanto estava descascando, ela descascou uma laranja?". A resposta para tal pergunta é negativa e, por isso, de acordo com a revelação do teste, as sentenças em (50) são télicas. Ao aplicar o teste "prova de inclusão" aos exemplos, temos que o enunciado "ela estava descascando uma laranja" não inclui o enunciado "ela descascou uma laranja", ou seja, as duas sentenças não implicam no mesmo significado. Portanto, também de acordo com a revelação deste teste, as sentenças exemplificadas em (50) são télicas.

Já o teste "prova de compatibilidade com advérbios durativos" não é possível de ser aplicado aos exemplos em (50), uma vez que, como foi mencionado na seção 2.2 do capítulo 2, segundo Leah (2010), sentenças com o verbo com a morfologia progressiva – como é o caso desses exemplos – quase não aceitam a combinação com o adjunto adverbial "em quanto tempo" e quase sempre aceitam a combinação com o adjunto adverbial "por quanto tempo", independentemente de serem télicas ou não. Por essa razão, toda vez que a sentença possuía um verbo com a morfologia progressiva, foram aplicados apenas os dois testes mencionados no parágrafo anterior.

Ainda a respeito das sentenças consideradas na análise, se na descrição de uma foto o mesmo informante produzisse duas ou mais orações télicas, todas as orações produzidas



foram consideradas no estudo, mas analisadas separadamente, com seus respectivos constituintes. A produção de um falante do PB, referente à segunda foto do conjunto "fritar um ovo", apresentada em (51) a seguir, ilustra um caso em que duas orações télicas foram utilizadas na descrição de uma única foto.

(51) "**depois ela quebrou o ovo** e tá fritando o ovo" (informante F.; segunda foto do conjunto "fritar um ovo")

Nas fotos do conjunto "quebrar um ovo", a primeira imagem retratava a personagem segurando um ovo em sua mão, a segunda imagem retratava a personagem fritando um ovo dentro de uma frigideira e a terceira imagem retratava o ovo já frito dentro de um prato. Desse modo, a primeira oração exemplificada em (51) – destacada em negrito –, "depois ela quebrou o ovo", faz referência a uma ação considerada anterior em relação à ação efetivamente retratada na segunda imagem. Essas sentenças télicas que descreviam ações anteriores e posteriores àquelas desempenhadas nas fotos também foram contabilizadas e analisadas.

Já a respeito das sentenças que não foram analisadas neste trabalho, foram descartadas da análise as sentenças consideradas atélicas e, para considerar tais sentenças como atélicas, também aplicamos a elas os testes "prova de interpretação", "prova de inclusão" e "prova de compatibilidade com advérbios durativos". As sentenças em PB e em EC apresentadas em (52) e (53) a seguir ilustram, respectivamente, exemplos de uma sentença referente à segunda foto do conjunto "preparar um hambúrguer" e de uma sentença referente à primeira foto do conjunto "fazer uma limonada", que foram descartadas da nossa análise por serem atélicas.

(52) "e ela tá pondo ketchup" (informante J.; segunda foto do conjunto "preparar um hambúrguer")

(53) "*tu mamá cortando limones*" (informante E.; primeira foto do conjunto "fazer uma limonada")

'tua mãe cortando limões'

Se aplicarmos o teste "prova de interpretação" aos exemplos em (52) e (53), teremos, respectivamente: "Se ela estava pondo ketchup mas foi interrompida enquanto estava pondo, ela pôs ketchup?" e "Se ela estava cortando limões mas foi interrompida enquanto estava cortando, ela cortou limões?". As respostas para tais perguntas são positivas e, por isso, de acordo com a revelação do teste, as sentenças são atélicas. Ao aplicar o teste "prova de

inclusão" aos exemplos, temos que o enunciado "ela estava pondo ketchup" inclui o enunciado "ela pôs ketchup" e, da mesma maneira, temos que o enunciado "ela estava cortando limões" inclui o enunciado "ela cortou limões". Portanto, também de acordo com a revelação deste teste, as sentenças exemplificadas em (52) e (53) são atélicas.

Como nos exemplos de sentenças télicas em (50), o teste "prova de compatibilidade com advérbios durativos" não é possível de ser aplicado aos exemplos em (52) e (53), já que, como mencionado anteriormente, de acordo com Leah (2010), sentenças com o verbo com a morfologia progressiva – como é o caso desses exemplos – quase não aceitam a combinação com o adjunto adverbial "em quanto tempo" e quase sempre aceitam a combinação com o adjunto adverbial "por quanto tempo", independentemente de serem télicas ou não.

Uma vez que nossa análise para considerar uma sentença como télica foi ao encontro da proposta de Smith (1991), além das sentenças atélicas, foram excluídas da análise as sentenças que descreviam eventos estáticos, por eles, de acordo com a autora, não apresentarem estrutura interna, estando fora do escopo da telicidade. As sentenças em PB e em EC apresentadas, respectivamente, em (54a) e (54b) a seguir ilustram exemplos de sentenças estáticas referentes à terceira foto do conjunto "ralar uma cenoura", que foram descartadas da nossa análise.

(54) a. "e a terceira a cenoura tá ralada" (informante J.; terceira foto do conjunto "ralar uma cenoura")

b. "*y al final tiene toda la zanahoria rallada*" (informante K.; terceira foto do conjunto "ralar uma cenoura")

'e no final tem toda a cenoura ralada'

Neste capítulo, apresentamos a metodologia desenvolvida neste trabalho, esmiuçando o perfil dos informantes selecionados, o tipo de teste que foi utilizado, o procedimento de aplicação do teste e os critérios utilizados para analisar os dados. No próximo capítulo, mostraremos os resultados obtidos por meio da aplicação do teste aos informantes e elucidaremos os pontos de discussão levantados com os resultados.

## 5 Resultados e discussão

Neste capítulo, apresentaremos os resultados obtidos com os dados levantados por meio do teste descrito no capítulo anterior. A apresentação dos resultados será dada sempre em números absolutos e percentuais e as diferentes realizações do traço [+ télico] nas línguas investigadas serão exemplificadas.

Para a análise das sentenças télicas, consideramos, em português do Brasil (doravante PB), em um total de 132 orações produzidas, 68 orações télicas (51,5% dos casos) e, em espanhol do Chile (doravante EC), em um total de 128 orações produzidas, 64 orações télicas (50% dos casos). Esses resultados estão ilustrados na tabela 3 a seguir.

| Orações produzidas |              |           |            |
|--------------------|--------------|-----------|------------|
| <u>PB</u>          |              | <u>EC</u> |            |
| Total              | Télicas      | Total     | Télicas    |
| 132                | <b>68</b>    | 128       | <b>64</b>  |
| 100%               | <b>51,5%</b> | 100%      | <b>50%</b> |

Tabela 3. Total de orações analisadas em PB e em EC.

Como vimos no capítulo 3 desta monografia, tanto o espanhol quanto o português não contam com um morfema específico para realizar linguisticamente a marcação de ponto final definido. Logo, tal fato pode ser observado nas variantes do PB e do EC. Desse modo, essa marcação de ponto final definido precisa ser veiculada por meio de outros constituintes oracionais, a saber: um complemento de cardinalidade especificada, um adjunto adverbial preposicionado e, no caso especificamente do EC, um operador aspectual delimitador – a partícula "se".

A respeito das orações analisadas em PB, para realizar linguisticamente o traço [+ télico], constatamos que os informantes produziram 60 orações com um complemento de cardinalidade especificada (88,2% dos casos), 5 orações com um complemento de cardinalidade especificada combinado a um adjunto adverbial preposicionado (7,3% dos casos) e 3 orações com um adjunto adverbial preposicionado (4,5% dos casos). Esses resultados estão ilustrados no gráfico 1 a seguir.

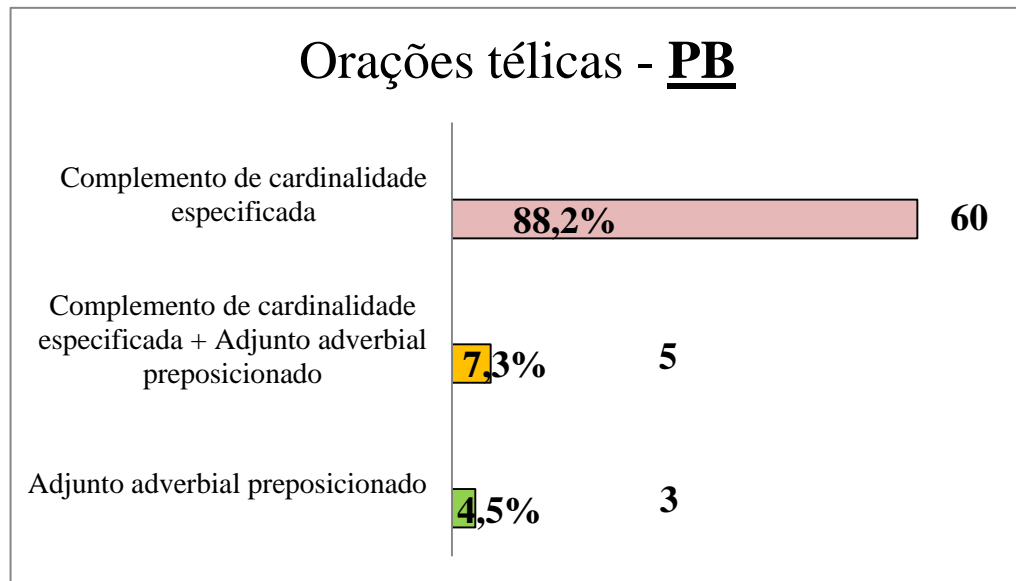


Gráfico 1. Realizações linguísticas do traço [+ télico] em PB.

Os exemplos de (55) a (57) a seguir mostram a produção de uma oração com um complemento de cardinalidade especificada – exemplo em (55) –, de uma oração com um complemento de cardinalidade especificada combinado a um adjunto adverbial preposicionado – exemplo em (56) – e de uma oração com um adjunto adverbial preposicionado – exemplo em (57).

(55) "na segunda foto ela tá transcrevendo **um texto**" (informante M.; segunda foto do conjunto "escrever um texto")

(56) "e por último ela bota o suco **no copo**" (informante F.; terceira foto do conjunto "fazer uma limonada")

(57) "a primeira ela tá pondo água **no copo**" (informante J.; primeira foto do conjunto "fazer um chá")

A respeito das orações analisadas em EC, para realizar linguisticamente o traço [+ télico], constatamos que os informantes produziram 43 orações com um complemento de cardinalidade especificada (67,2% dos casos), 10 orações com o operador aspectual "se" combinado a um complemento de cardinalidade especificada (15,6% dos casos), 8 orações com um adjunto adverbial preposicionado (12,5% dos casos) e 3 orações com um complemento de cardinalidade especificada combinado a um adjunto adverbial preposicionado (4,7% dos casos). Esses resultados estão ilustrados no gráfico 2 a seguir.

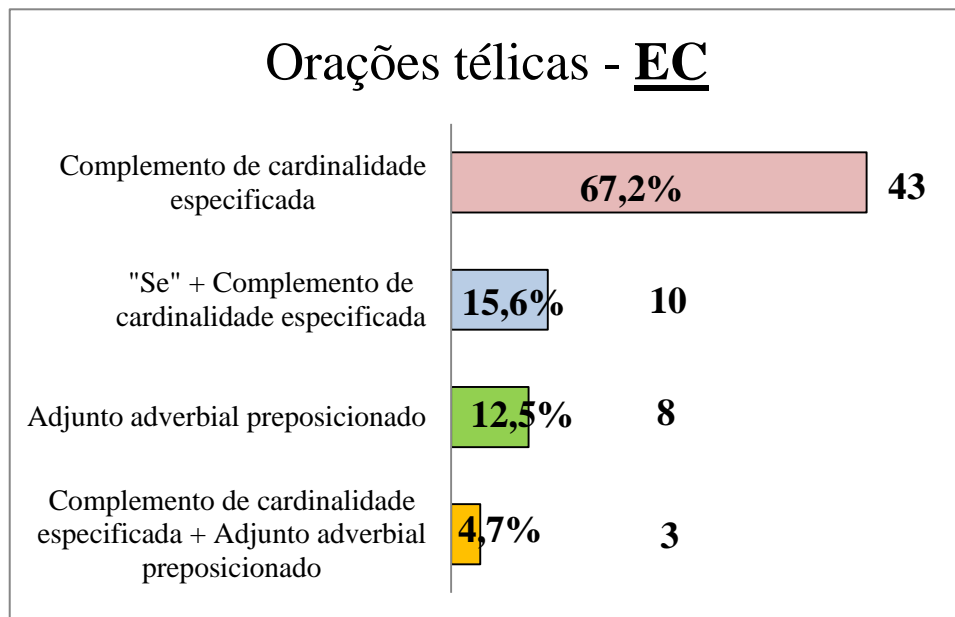


Gráfico 2. Realizações linguísticas do traço [+ télico] em EC.

Os exemplos de (58) a (61) a seguir mostram a produção de uma oração com um complemento de cardinalidade especificada – exemplo em (58) –, de uma oração com o operador aspectual "se" combinado a um complemento de cardinalidade especificada – exemplo em (59) –, de uma oração com um adjunto adverbial preposicionado – exemplo em (60) – e de uma oração com um complemento de cardinalidade especificada combinado a um adjunto adverbial preposicionado – exemplo em (61).

(58) "*en la primera foto la señora abre **el pan***" (informante D.; primeira foto do conjunto "preparar um hambúrguer")

'na primeira foto a senhora abre o pão'

(59) "*y después **se tomó todo el vaso***" (informante K.; terceira foto do conjunto "beber um copo de refrigerante")

'e depois bebeu todo o copo'

(60) "*en la segunda foto la señora está escribiendo **dentro del papel***" (informante D.; segunda foto do conjunto "escrever um texto")

'na segunda foto a senhora está escrevendo dentro do papel'

(61) "*metió una bolsita de té **en el agua caliente***" (informante K.; segunda foto do conjunto "fazer um chá")

'colocou uma bolsinha de chá na água quente'

Em relação às orações produzidas tanto em PB quanto em EC com um complemento de cardinalidade especificada, praticamente todas as produções dos informantes marcavam a cardinalidade especificada do complemento por meio de um artigo singular indefinido ou definido, como mostram, respectivamente, os exemplos apresentados em (55) e em (58). Houve poucos casos em que a marcação da cardinalidade especificada do complemento era realizada de outra maneira e, quando ocorreram, esses casos foram marcados por: um artigo definido pluralizado – exemplo em (62) –, um pronome anafórico retomando um elemento produzido na oração anterior – exemplo em (63) –, um pronome possessivo – exemplo em (64) – e um pronome indefinido – exemplo em (65).

(62) "*ya exprimiendo los limones*"<sup>46</sup> (informante E.; segunda foto do conjunto "fazer uma limonada")

'já espremendo os limões'

(63) "e aqui ela já terminou o hambúrguer e fechou **ele**" (informante J.; terceira foto do conjunto "prepara um hambúrguer")

(64) "*la primera imagen sirviendo agua para preparar su té*" (informante E.; primeira foto do conjunto "fazer um chá")

'a primeira imagem servindo água para preparar seu chá'

(65) "na segunda ela tá escrevendo **alguma coisa** nessa folha"<sup>47</sup> (informante M.; segunda foto do conjunto "escrever um texto")

Além disso, orações que não apresentavam um complemento de cardinalidade especificada realizado foneticamente, mas que claramente podia ser recuperado pelo contexto, também foram consideradas orações télicas e foram analisadas. O exemplo em (66) a seguir ilustra duas orações em que, na segunda – destacada em negrito –, o complemento de

<sup>46</sup> Mencionamos no capítulo 3 deste trabalho que complementos que contenham artigos pluralizados podem trazer para a sentença tanto uma leitura télica quanto uma leitura atélica, a depender de contextos semânticos. Optamos por considerar que a produção do informante marcando o complemento com um artigo definido pluralizado trouxe uma leitura télica para a sentença, uma vez que a produção dele se deu a partir de um estímulo não linguístico – uma foto – e tal estímulo retratava um número delimitado de limões, evidenciando que ao produzir a sentença em (62), o informante estava conceptualizando uma leitura de caráter télico.

<sup>47</sup> Segundo um falante nativo do EC, a sentença "*Él se comió algunas manzanas*" – 'Ele comeu algumas maçãs' – é gramatical. Sendo assim, se o operador aspectual "*se*" pode ser produzido nesta sentença, é porque o complemento "*algunas manzanas*" é considerado um complemento de cardinalidade especificada. Por isso, consideramos que o complemento "alguma coisa" presente no exemplo em (65) pode ser classificado como um complemento de cardinalidade especificada. Vale ressaltar que essa oração foi analisada como uma oração com complemento de cardinalidade especificada combinado a um adjunto adverbial preposicionado, devido à presença do adjunto adverbial preposicionado "nessa folha", o qual acreditamos também contribuir para a marcação de ponto final da situação.

cardinalidade especificada "a banana" não foi realizado foneticamente, já que já havia sido realizado na primeira oração.

(66) "na primeira a banana tá inteira... **na segunda ela descascou...**" (informante J.; primeira e segunda fotos do conjunto "comer uma banana")

A respeito do operador aspectual "se" combinado a um complemento de cardinalidade especificada, realização possível apenas no EC, mencionamos na capítulo 3 que a presença desse operador aspectual é opcional. Ao descrever as fotos do conjunto "comer uma banana", dos três informantes chilenos, dois utilizaram o operador aspectual "se" em sua produção, evidenciando o caráter opcional dessa partícula delimitadora. Os exemplos em (67a) e (67b) a seguir ilustram a produção dos informantes que utilizaram o operador aspectual "se" e o exemplo em (67c) ilustra a produção do informante que não utilizou esse operador aspectual.

(67) a. *"en la primera foto la señora tiene un plátano en su mano... en la segunda foto la señora **se** está comiendo el plátano que tiene en la mano... y en la tercera foto ya **se lo** comió entero y solo queda la casca"* (informante D.; conjunto "comer uma banana")

'na primeira foto a senhora tem uma banana em sua mão... na segunda foto a senhora está comendo a banana que tem na mão... e na terceira foto já a comeu inteira e só resta a casca'

b. *"la primera foto hay una mujer que tiene un plátano en la mano y lo está mirando... la segunda foto la mujer abrió el plátano y **se lo** está empezando a comer... y en la tercera foto ya **se comió todo el plátano**"* (informante K.; conjunto "comer uma banana")

'a primeira foto há uma mulher que tem uma banana na mão e a está olhando... a segunda foto a mulher abriu a banana e está começando a comê-la... e na terceira foto já comeu toda a banana'

c. *"la primera la tu mamá mirando un plátano... la segunda comiendo el plátano... la tercera ya ha terminado de comer el plátano"* (informante E.; conjunto "comer uma banana")

'a primeira a tua mãe olhando uma banana... a segunda comendo a banana... a terceira já terminou de comer a banana'

Quanto às orações produzidas em PB e em EC, o número de orações télicas analisadas foi muito próximo – 68 orações em PB e 64 orações em EC, como mostrou a tabela 3 no início deste capítulo. A respeito especificamente das produções apenas com um complemento

de cardinalidade especificada marcando a telicidade das sentenças, a incidência dessas produções em PB foi consideravelmente maior se comparado ao EC – 60 orações com complemento de cardinalidade especificada em PB e 43 orações com complemento de cardinalidade especificada em EC.

Essa incidência maior em PB era esperada, uma vez que, nas duas línguas aqui investigadas, a realização linguística do traço [+ télico] se dá principalmente por meio de um complemento de cardinalidade especificada e, diferentemente do EC, o PB não conta com um operador aspectual opcional que possa expressar tal traço. Sendo assim, de acordo com os resultados obtidos neste trabalho, o PB conta com três modos diferentes de realizar o traço [+ télico], ao passo que o EC conta com quatro modos diferentes de realizar esse traço.

Como foi explicitado no capítulo 4 deste trabalho, em consonância com Smith (1991), consideramos que uma sentença télica é aquela que descreve eventos durativos ou pontuais dinâmicos que levam a um ponto final definido. Desse modo, as sentenças que descreviam culminações – eventos pontuais – foram consideradas sentenças télicas em nossa análise. As sentenças em PB e em EC exemplificadas, respectivamente, em (68a) e (68b) ilustram exemplos de culminações que foram produzidas na descrição da segunda foto do conjunto "pintar um quadro".

(68) a. "na segunda ela **tá iniciando** a pintura de uma flor" (informante J.; segunda foto do conjunto "pintar um quadro")

b. "*después **comienza** la mujer a pintar como una flor*" (informante K.; segunda foto do conjunto "pintar um quadro")

'depois começa a mulher a pintar (algo) como uma flor'

Por fim, vale ressaltar que os resultados apresentados e descritos neste capítulo foram analisados em consonância com Smith (1991). Se fossem analisados em consonância com outros autores, como por exemplo com Comrie (1976) e com Wachowicz (2008), os resultados obtidos seriam diferentes, uma vez que – como descrito na seção 2.1 do capítulo 2 – esses autores consideram que o traço de telicidade não é compatível com o traço de pontualidade e, portanto, as sentenças que descrevem culminações não seriam analisadas, uma vez que não seriam consideradas sentenças télicas.



## 6 Considerações finais

Esta monografia tinha por objetivo investigar as realizações do traço [+ télico] no português do Brasil (doravante PB) e no espanhol do Chile (doravante EC). Para alcançar tal objetivo, aplicamos um teste de produção semiespontânea desenvolvido por Martins, Lourençoni & Novaes (2013) a três falantes nativos do PB e a três falantes nativos do EC, a fim de analisar a produção linguística desses falantes no que diz respeito à expressão do traço [+ télico].

Ao analisar as realizações linguísticas exclusivamente do traço [+ télico], excluimos da análise todas as sentenças atélicas que foram produzidas. Além disso, em consonância com Smith (1991), optamos por considerar como télicas as sentenças que descrevem eventos durativos ou pontuais dinâmicos que levam a um ponto final definido. Por isso, excluimos da análise todas as sentenças estáticas que foram produzidas e tal fato explica o número grande – aproximadamente metade das produções, tanto no PB quanto no EC – de sentenças que foram excluídas da análise.

No que diz respeito ao PB, constatamos que houve uma incidência maior de produções apenas com um complemento de cardinalidade especificada marcando a telicidade das sentenças. Apesar dessa marcação ter sido opção majoritária também em EC, a incidência de tal produção em PB foi consideravelmente maior – 60 orações com complemento de cardinalidade especificada em PB, em um total de 68 orações analisadas; e 43 orações com complemento de cardinalidade especificada em EC, em um total de 64 orações analisadas. Tal incidência maior em PB era de fato esperada, já que, além da possibilidade de marcar a telicidade por meio de um complemento de cardinalidade especificada, de um adjunto adverbial preposicionado ou da junção desses dois constituintes oracionais, o EC também conta com a possibilidade de marcação da telicidade por meio do operador aspectual "se" combinado a um complemento de cardinalidade especificada.

No que diz respeito ao EC, constatamos que a marcação da telicidade por meio do operador aspectual "se" combinado a um complemento de cardinalidade especificada se mostrou a segunda maneira mais produtiva – 10 orações com o operador aspectual "se" combinado a um complemento de cardinalidade especificada, em um total de 64 orações analisadas. Tal opção ser revelada como a segunda maneira mais produtiva de expressar o traço [+ télico] foi um achado interessante, uma vez que, como foi mencionado no capítulo 3 e no capítulo 5 deste trabalho, o operador aspectual "se" é uma partícula delimitadora opcional e, por isso, pode aparecer ou não na sentença.

Por fim, já que o clítico "se" em espanhol é um elemento que possui muitas facetas de significado e pode designar diferentes noções, esse clítico se mostra como um item de dificuldade no aprendizado de espanhol como língua estrangeira. Tendo em vista a produtividade do uso desse clítico veiculando a noção aspectual de telicidade, observada neste estudo na variante do EC, tal noção deve ser explicitamente abordada em seu ensino. Com isso, concluímos que este estudo pode contribuir para o ensino de espanhol como língua estrangeira, uma vez que, como afirmam Preuss & Finger (2009), a instrução formal do pronome aspectual "se" como uma ferramenta possível no espanhol para a marcação de ponto final delimitado parece facilitar a aprendizagem de um dos usos desse clítico, ao qual fizemos referência neste trabalho.

## Referências

COMRIE, Bernard. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. New York: Cambridge University Press, 1976.

\_\_\_\_\_. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

DE MIGUEL, Elena. El Aspecto Léxico. In: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Eds.). **Gramática Descriptiva de la lengua Española**. Madrid: Espasa Calpe, pp. 2977-3060, 1999.

DE MIGUEL, Elena.; LAGUNILLA, Marina Fernández. El Operador Aspectual SE. **Revista Española de Lingüística**, 30, 1, 13-43, 2000.

HOPPER, Paul. Aspect and Foregrounding in Discourse. In: **Discourse and syntax**. Ed. By Talmy Givón. New York: Academic Press, pp. 213-241, 1979.

KRIFKA, Manfred. Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In: I. Sag and A. Szabolcsi (eds.). **Lexical Matters**. Stanford: CSLI Publications, pp. 29-53, 1992.

LEAH, Claudia. A Theoretical approach to telicity. **Journal of Humanistic and Social Studies**. v. 1, n. 2, pp. 99-108, 2010.

MACDONALD, Jonathan E. Domain of aspectual interpretation. **Linguistic Inquiry**, v. 39. n. 1, pp. 128-147, 2008.

MARTINS, Adriana; LOURENÇONI, Débora; NOVAES, Celso. A expressão de traços aspectuais em diferentes constituintes da oração no português do Brasil. **Revista FSA**, v. 10, pp. 260-289, 2013.

MOURE, Teresa. El contenido aspectual telicidad en las cláusulas biactanciales del español. **Verba**. Anuario Galego de Filoloxía, v. 18, pp. 353-374, 1991.

OLIVEIRA, Fátima et al. Tempo e aspecto. In: MIRA MATEUS, M. H. et al. (Orgs.). **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, pp. 127-177, 2003.

PREUSS, Elena Ortiz; FINGER, Ingrid. O papel da instrução na aquisição do Espanhol como L2: um estudo sobre o *se* – operador aspectual como delimitador. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.12, n.2, p.435-462, 2009.

SLABAKOVA, Roumyana. L1 transfer revisited: the L2 acquisition of telicity marking in English by Spanish and Bulgarian native speakers. **Linguistics**, v. 38, n. 4, pp. 739-770, 2000.

SMITH, Carlota. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

VENDLER, Zeno. Verbs and times. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, pp. 97-121, 1967.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. Telicidade e classes aspectuais. **Revista do GEL**, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, pp. 57-68, 2008.